

A INFLUÊNCIA DO CONTO POPULAR NO CONTO CANÔNICO

Cristina Löff Knapp¹

Resumo

O conto popular tem relevância em ser estudado, pois é nele que se inspiram todos os outros tipos de contos. Nossa intenção, ao longo desse estudo, é mostrar a influência do conto popular nas narrativas de contos canônicos. Entendemos por conto canônico a narração criada por um único autor, ou seja, o texto que apresenta evidentes as características de seu criador. A aproximação dos contos canônicos com os contos populares será feita levando em consideração três critérios: o narrador, as marcas da oralidade e a estrutura narrativa. Nossa intenção, portanto, é mostrar como o conto canônico apropria-se do conto popular, seja pelo narrador, pelas marcas da oralidade ou pela estrutura narrativa.

Palavras-chave: conto popular; conto canônico.

Abstract

Folk tale are a relevant object of study because all other short stories are derived from them. Our aim throughout our study was to show the influence of folks tales on the narratives of shorts stories. In our understanding, a short story is one writhen by an only author and one that presentes evident characteristics of its creator.

The relations hep between shorts stories and folks tales was carried out by taking into consideration three criteria: the narrator, orality marks and narrative structure. Our intention, there fore, was to show how the short story makes use of the folk tale, be it throught the narrator, throught orality marks or throught the narrative structure.

Keywords: folk tale; short story

1- INTRODUÇÃO

O conto é um relato breve, de curta duração, envolvendo poucas personagens, originando-se da oralidade. O conto popular tem relevância em ser estudado, pois é nele que se inspiram todos os outros tipos de contos. Quando não existia registro escrito, os contos eram passados de geração em geração através da oralidade. Com o surgimento da escrita, os contos passaram a ser registrados mantendo a forma, ou seja, a característica oral, a qual é preservada por muitos contos da Literatura Brasileira. Segundo Câmara Cascudo, “*É preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais*” (CASCUDO, 200, p.11). Estas características do conto oral mantêm-se mesmo depois de compilados. Entretanto, mesmo não atendendo a esses quatro itens elencados por Cascudo, muitos contos canônicos utilizam-se da literatura oral em suas narrativas. Entendemos por conto canônico a narração criada por um

¹ Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e professora do Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul- UCS – RS
e- mail: cristinaloff@terra.com.br

único autor, ou seja, o texto que apresenta evidentes as características de seu criador. Com estas considerações queremos destacar o nosso objeto de estudo que será a influência da narrativa de caráter oral em um conto de Mário de Andrade.

2- FORMA SIMPLES E FORMA ARTÍSTICA

O conto popular faz parte do folclore verbal, é um relato em prosa de acontecimentos irrealis com a finalidade de divertir as pessoas. André Jolles, no livro *As formas simples*, define o conto oral como uma forma simples. Segundo ele, O conto “*entendido como uma forma simples apresenta uma linguagem que permanece fluida, aberta, dotada de mobilidade e de capacidade de renovação constante*” (JOLLES, 1976,p. 195).

Jolles define como forma artística a narrativa provinda de um autor definido e com seus traços mais marcantes. Conforme o autor, “*Formas artísticas são as formas literárias que sejam precisamente condicionadas pelas opções e intervenções de um indivíduo, formas que pressupõem uma fixação definitiva na linguagem, que já não são o lugar onde algo se cristaliza e se cria na linguagem mas o lugar onde a coesão interna se realiza ao máximo numa atividade artística não repetível*” (JOLLES, 1976, p.153).

3- O NARRADOR E AS METÁFORAS BENJAMINIANAS

Os relatos orais provêm de contadores. Ao fixarmos a forma simples, os contadores passam a ser narradores. Geralmente, eles podem ser comparados aos sábios, ou aos conselheiros, visto que sempre têm um ensinamento para transmitir a quem está escutando, no caso dos contadores, ou lendo, no caso dos narradores. No entanto, como ensina Benjamin, “*para formular o conselho é necessário antes de mais nada, saber narrar a estória*” (BENJAMIN, 1975,p.65).

É característica fundamental do narrador saber narrar a história, porque quanto mais o narrador usar características subjetivas das personagens relacionadas com os sentimentos ou até mesmo com juízo de valores mais difícil será para o ouvinte reproduzir aquilo que escutou ou comparar com suas experiências diárias. O narrador deve contar a história de modo natural, tornando o conto algo sempre novo; é a pluralidade, segundo Jolles.

A maioria dos contos populares possui uma moral ingênua, ou tem a intenção de passar um ensinamento. Isso é feito através do narrador. Ele é um sábio, nas palavras de Walter Benjamin, “*é uma espécie de conselheiro do seu ouvinte*” (BENJAMIN, 1975, p.65).

Para que a forma simples sobreviva, é necessário um contador/narrador que sempre a mantenha viva. Este contador/narrador pode apresentar-se, segundo Benjamin, sob duas formas, estabelecidas por ele através de metáforas. A primeira delas é a do marinheiro mercante, que é um narrador vindo de longe que sempre tem algo para contar. A segunda

metáfora é a do narrador entendido como um agricultor sedentário que “*permaneceu em seu país, tratando de sobreviver e vindo a conhecer as suas estórias e tradições*” (BENJAMIN, 1975, p.64).

4- A INFLUÊNCIA DA FORMA SIMPLES EM MÁRIO DE ANDRADE

Mário de Andrade morreu em 1945 deixando dois livros de contos publicados, *Primeiro Andar* (1926) e *Belazarte* (1934). Seu terceiro livro de contos ficou no prelo, *Contos Novos*, que foi publicado em 1947. É dessa última obra que escolhemos o texto que analisaremos, intitulado “Nelson”.

O conto “Nelson” caracteriza-se por apresentar a fofoca do bar como tema central e, assim, os diversos participantes dessa conversa vão se tornando narradores que, na verdade, pouco sabem sobre a pessoa da qual estão falando. Mas, antes de passarmos a estes comentários, analisemos de perto o narrador do conto “Nelson” .

A narrativa de Mário de Andrade tem um narrador maior que está contando o relato do homem “esquisito”, o qual entra num bar para beber. Este narrador apenas descreve tudo o que está vendo e acompanha o sujeito em todos os seus movimentos. É um narrador heterodiegético, uma vez que nada sabe sobre a vida do misterioso freqüentador do bar. Segundo o texto, “*O narrador nada sabe, contenta-se em acompanhar o diz-que-diz; no Rashomon pleno de faces, não despreza, ele sim, o homem atrás do copo, a mão mutilada escondida no bolso. Seu olhar é uma espécie de câmera cinematográfica tensa, atenta, próxima do homem que todos dizem conhecer e de quem nenhum se aproxima...*” (ANDRADE, 1988, p.10).

O narrador não toma partido na história, por isso não pode ser comparado ao narrador sábio benjaminiano, ele é apenas uma câmera cinematográfica. Entretanto, o fato de ele delegar a função de narrar para outra personagem, os fofoqueiros do bar, faz com que a narrativa tenha influência da forma simples. Isso porque é comum no conto oral o narrador passar a fala para outra personagem.

A primeira personagem a assumir a narração é Alfredo. É ele que principia a contar a história do homem esquisito. Ao fazer isso, Alfredo, o narrador, pode ser visto sob a metáfora benjaminiana do agricultor sedentário. Aquele que permanece no seu lugar, no caso o bar e o bairro onde viviam, conhecendo seus novos moradores e freqüentadores e atualizando-se sobre suas histórias. Alfredo seria o contador sedentário. Em sua fala, podemos perceber a influência dessa metáfora: “- *Você garante que ele é brasileiro, enfim você sabe ou não sabe alguma coisa sobre ele! Eu sei a história dele completinha!... – Olhou lento, imperial os três amigos. Sorriu...*” (ANDRADE, 1988, p.60).

No decorrer da narração outra personagem assume o lugar de narrador. Um quarto rapaz, que ouvia a história de Alfredo, no momento em que todos percebem que o alvo das atenções, aquele que chamaremos de quinto homem, pois só estavam no bar os quatro rapazes, a garçonete e ele, tinha uma cicatriz na mão. Como Alfredo não sabe explicar o motivo pelo qual o sujeito a ostenta, esse quarto rapaz passa a contar exatamente este fato. Ele também é um narrador sedentário, porque conhece e tem informações a respeito do indivíduo diferente.

A partir dessa intervenção do quarto rapaz, o conto é narrado por ele. Ficamos sabendo como o sujeito, que não possui nome na história, mas que iremos chamar de Nelson, visto que o conto é assim intitulado, adquire uma cicatriz na mão, a qual não é vista de perto pelos narradores. Porém, eles a conhecem em todos os detalhes.

Após essa longa descrição feita por outro narrador, Alfredo assume novamente o curso da história para contar aos amigos o motivo pelo qual “Nelson” ficou “tantã”. Eles atribuem o fato de ele aparentar ter modos estranhos a perda da mulher. Esta o abandonou. O narrador sedentário, Alfredo, passa a ter voz novamente no conto, explicando por que a mulher, uma paraguaia, abandonou Nelson. A seguir, a narrativa volta à voz do narrador maior, heterodiegético, no momento em que o homem se retira do bar. Assim, nosso narrador passa a assumir o papel de câmera cinematográfica, ou seja, descreve todos os passos da personagem, mas sem demonstrar conhecimento algum sobre ela. O fato de o narrador heterodiegético ter delegado a função de narrar para outra pessoa aproxima o conto de Mário de Andrade da forma simples.

Além disso, na narrativa existem traços de oralidade bem evidentes, principalmente na forma como é construída a história. Todas as personagens estão reunidas num bar, conversando sobre outra personagem que está afastada do grupo. A maneira como é tecida a história lembra os mexericos ou fofocas de bares. Na verdade, ninguém sabe nada ao certo sobre o quinto homem, apenas suposições. Estas, que vão sendo levantadas ao longo da narrativa, é que remetem ao conto popular. A maneira como os contadores conduzem a narração é típica da forma oral.

O jeito como o contador Alfredo vai conduzindo a narrativa vai criando um certo suspense entre os ouvintes, pois todos querem saber logo tudo sobre “Nelson”. “*Não dê o doce, e continue, Alfredo!*” (ANDRADE, 1988, p.61). Como o nosso contador não sabia o suficiente sobre o homem estranho, ou melhor, talvez não tenha tido lábia para continuar, perdeu a narração para um quarto elemento que disse saber informações sobre o defeito físico de Nelson. A descrição sobre o defeito físico é a seguinte:

“ O quarto rapaz que se conservara calado, olhando com uma espécie de riso sabido, murmurou vingativo: Eu sei. Você sabe!

- Quer dizer: sei... Sei o que me contaram. É o polegar que ele perdeu. Parece que nem é só o polegar que falta, mas quase toda a carne do braço, é tudo repuxado, sem pele... Foi piranha que comeu. Safa!

- Eu não sei bem... tudo no detalhe. Como o Alfredo, eu não sei... Foi na Coluna Prestes... Nem tenho certeza se ele estava com o exército ou com os revolucionários. Devia ser com estes porque ele era rapaz, se vê que não tem trinta anos” (ANDRADE, 1988, p.63).

A descrição do defeito físico estende-se por várias páginas, é bastante longa, o que mostra que o quarto homem contador soube reter o interesse dos seus ouvintes por mais tempo do que Alfredo. Quase no final, um dos ouvintes lembra do caso que Alfredo, anteriormente, estava contando, o qual é um pouco diferente daquele contado pelo quarto homem. Somente assim, Alfredo retoma o final do seu caso.

Essa estruturação narrativa feita pelas personagens narradoras é uma característica da forma simples: contar um caso, lembrando os antigos serões, nos quais os participantes ouviam histórias. Como não temos uma história fantástica nem humorística, o narrador pode se alternar, como se alterna no conto “Nelson”. As narrativas populares de caráter fantástico ou humorístico, geralmente, eram reproduzidas por contadores profissionais, porque deveriam ser passadas de modo a criar o suspense no ouvinte. Exigem mais do contador, porque ele deve causar impressões no ouvinte através de sua narração, deve-se tocar nos sentimentos, criar uma atmosfera especial. Um conto fantástico deverá ser reproduzido de modo a causar suspense, medo no ouvinte. Um conto humorístico deve causar o riso. Cabe ao contador criar o clima de humor ou de suspense ao narrar suas histórias. Já outras de caráter diversificado poderiam ser contadas por qualquer pessoa e, inclusive, alternar-se na narração. É isso o que acontece no conto de Mário de Andrade. Existe a troca de narradores, conforme um vai acrescentando mais informações à história do outro.

Michele Simonsen afirma que *“a arte de contar situa-se entre a criação e sua reprodução”* (SIMONSEN, 1987, p.29). A arte de criar ocorre na história de Nelson, pois todas as informações que nos são passadas através dos narradores não sabemos ao certo se são verdadeiras. Elas fazem parte da criação do contador, da sua imaginação de recriar todo um universo ficcional a partir da fisionomia e dos gestos de um indivíduo que é observado à distância. Quanto à estrutura do conto de Mário de Andrade, poderíamos dizer que ela tem influência da forma simples, mas é uma forma artística.

Como temos no conto de Mário uma “atividade artística não repetível”, ou seja, identificamos traços do autor na construção do conto, não temos uma forma simples. Além disso, para que a história de “Nelson” fosse popular, deveria ter mais elementos, como: um afastamento do herói, a provação ou rito de passagem desse mesmo herói e a presença do fantástico. Ao contrário disso tudo, vemos em “Nelson” evidenciada a vida solitária de um sujeito que carrega consigo algo que o marcará para sempre: uma deformação física. Foi justamente esta marca que chamou à atenção dos amigos reunidos no bar. Através de um gesto da personagem Nelson, o ato de esconder a mão defeituosa debaixo da mesa, desencadeou todo um feixe de hipóteses. A partir daí, Nelson, por ter esse defeito físico, é considerado esquisito, chamando à atenção dos outros, mas evitando uma possível aproximação. Aqui entra em questão o preconceito da sociedade em relação às pessoas que apresentam deficiências, ou que não se enquadram nos padrões sociais.

Sendo assim, um dos traços que aproxima a narrativa de Mário de Andrade às narrativas populares é a estruturação dos narradores e a maneira de construir o enredo lembrando as fofocas. A troca de narradores que nada mais são que contadores de histórias: os fofoqueiros, colocando em evidência traços do homem misterioso que mais lhes chamam à atenção. Entretanto, nada sabem sobre ele, apenas criam, como os antigos contadores de histórias.

O fato de os narradores sedentários assumirem a narração e criarem histórias sobre a personagem Nelson lembra o ditado, “Quem conta um conto aumenta um ponto”, além de uma história popular coletada por Câmara Cascudo e intitulada “O homem que pôs um ovo!”.

Segundo o relato, havia uma mulher que vivia se gabando que sabia guardar segredo. Certa vez, seu marido resolveu testá-la. Assim, voltando para casa tarde, trouxe um ovo de pata. No meio da noite, ele acordou a mulher e mostrou-lhe o ovo, dizendo que acabara de pô-lo e pediu-lhe segredo. No outro dia, a mulher contou tudo à vizinha e pediu segredo também. Esta, por sua vez, foi contar a outra pessoa que contou a outra também e, assim, a história foi se espalhando e aumentando. No final do dia, quando o marido voltou para casa, um amigo seu veio lhe contar a história de um homem da vizinhança que tinha posto quase um cento de ovos. Ao entrar em casa, o homem deu uma surra na esposa e depois contou como tinha acontecido tudo aquilo aos vizinhos, ficando sua esposa desmoralizada.

O conto popular coletado por Cascudo apresenta um narrador sábio conhecedor da história da mulher que não sabia guardar segredos. Ele apenas conta esse fato, não delega a função de narrar para outrem, como acontece no conto de Mário de Andrade. Contudo, essa narrativa é recheada de características orais. Primeiro, porque acontece uma provação, ou rito de passagem. A personagem feminina, que na história não tem nome, gaba-se que sabe

guardar segredo. Contudo, quando o marido mente a ela que pôs um ovo e pede sigilo, a mesma conta à vizinha tudo o que ocorrera. A provação pela qual deveria passar era guardar, em confidência, algo que seu marido lhe contou. Como não conseguiu fazer isso, a mulher foi punida com uma surra.

A punição da personagem no término da história nos remete aos contos que apresentam uma moral no final, com a intenção de passar um ensinamento ou uma lição. A mulher não soube guardar segredo e, de certa forma, traiu a confiança do marido, por isso foi castigada.

Outra marca da oralidade é a presença dos ditos populares como, “quem conta um conto aumenta um ponto”. Alguns ditados têm a intenção de registrar um juízo de valor. É justamente isso que acontece no conto: a mulher contou à vizinha o que acontecera com o marido e pediu segredo. Esta, por sua vez, foi contando a outras pessoas que contaram a outras e cada vez mais o número de ovos que o marido tinha posto ia aumentando, quando, na verdade, o pobre homem não havia colocado ovo algum. O provérbio confirmou-se, pois no final da tarde o marido tinha posto quase um cento de ovos e cada um com duas gemas.

Além disso, a narração também encerra com outro ditado popular, dizendo assim:

“Quem tiver o seu segredo,

Não conte a mulher casada,

Esta conta ao seu marido,

O marido aos camaradas” (CASCUDO, 2001, p.246).

Novamente, o dito confirma-se, porque a mulher contou a todos o segredo do marido.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, estes recursos estruturais utilizados no conto, como os ditos populares, a provação pela qual passa a mulher e o próprio fato de as personagens não terem nomes, com a intenção de tornar a história plural, fazem parte da forma simples. Como estamos diante de um conto popular, tudo é possível, inclusive as pessoas acreditarem que um homem botou um ovo. A forma como é costurada a narração, evidenciando a fofoca, aproxima a narrativa popular à de Mário de Andrade. Em “Nelson” ocorre o mexerico, a fofoca do bar na qual os contadores também não sabiam ao certo tudo sobre o homem estranho, mas iam inventando, assim como ocorre no conto popular.

Contudo, “Nelson” é uma forma artística por não apresentar a mesma estrutura que o conto coletado por Cascudo. Não temos uma provação nem ditos populares. Percebemos um conto com a marca de seu autor, ao contrário do “Homem que pôs um ovo!”, no qual sua marca é a característica plural da forma simples, a universalidade dos fatos e das personagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *Os melhores contos de Mário de Andrade*. Sel. Telê Ancona Lopez. São Paulo: Global, 1988.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. IN: *Textos escolhidos*. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos populares no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- JOLLES, André. *As formas simples*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- SIMONSEN, Michèle. *O conto popular*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.